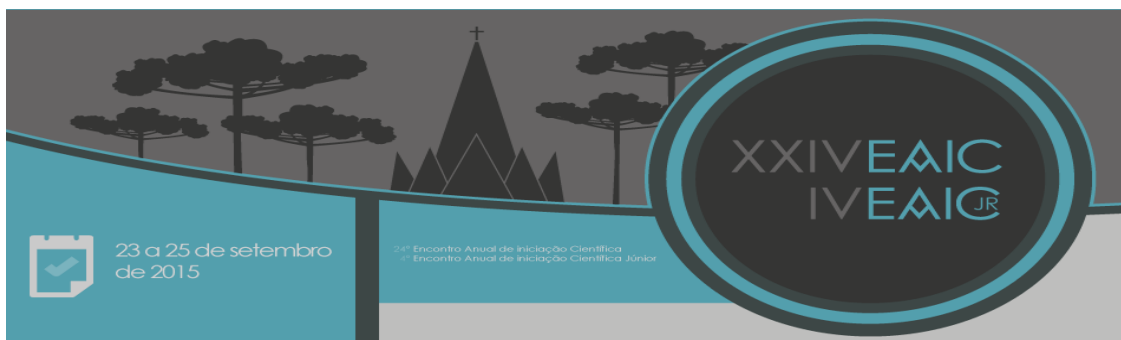




A PRODUÇÃO DO SEXISMO NA LINGUAGEM: PARA UMA ANÁLISE DOS DICIONÁRIOS

Ana Lúcia Dacome Bueno (PIBIC/CNPq-UEM), Patrícia Lessa dos Santos (Orientadora), e-mail: analuciaveg@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá/Departamento de Letras/ Departamento de Fundamentos da Educação Maringá, PR.

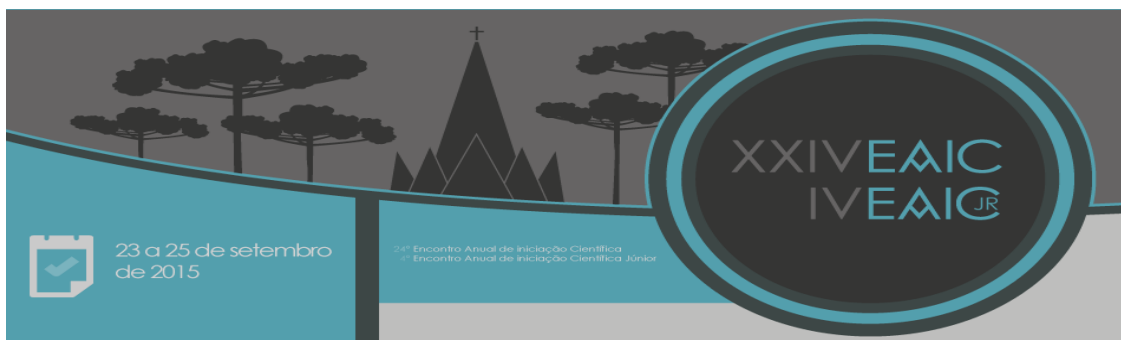
8.00.00.00-2 Linguística, Letras e Artes e 8.01.00.00-7 Linguística

Palavras-chave: Sexismo, Linguagem, Dicionário.

Resumo:

Nossa pesquisa analisou práticas discursivas que invisibilizam e restringem mulheres ou, em casos extremos, reproduzem a violência da dominação patriarcal. Os objetivos de nossa pesquisa foram os seguintes: analisar um conjunto de termos presentes nos dicionários que apontem para o sexismo linguístico; verificar ausência, presença e extensão de alguns termos; e confrontar com os estudos sobre a produção de sexismo linguístico. Por entendermos os dicionários gerais da língua como materialidades que legitimam o idioma institucionalizado e assim fixam representações e valores, elegemos para o nosso estudo documental alguns vocábulos que podem ser relacionados a estereótipos de gênero em um dicionário *online* de acesso gratuito, o Dicio. A partir da perspectiva metodológica da análise de discurso foucaultiana, analisamos os vocábulos selecionados levando em conta sua presença, ausência e definições e significados, confrontando essas características com teorias feministas contemporâneas e discussões sobre sexismo linguístico e destacando gênero como uma categoria de análise para desnaturalizar e desconstruir discursos acerca de mulheres. A produção e circulação das informações no ciberespaço atribuem novas características ao formato, conteúdo e até funcionamento dessas materialidades em tempo e espaço peculiares, tornando em especial a historicidade dessa materialidade para revelar as relações de poder expressas em discursos normatizadores e estigmatizadores da língua.

Introdução

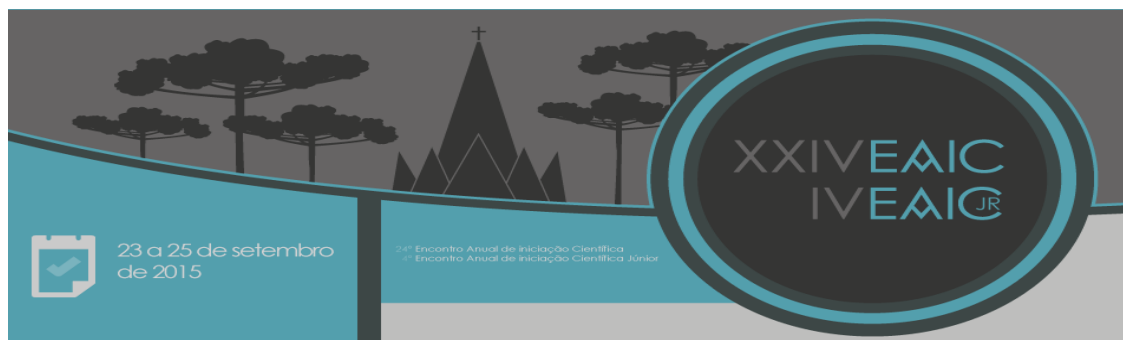


O chamado sexismo linguístico é uma forma de discriminação revelada, por exemplo, quando ao referir-se a um sujeito composto em uma oração gramatical, a norma culta da língua portuguesa obriga o gênero feminino a embutir-se ao termo masculino. O sexismo na linguagem revela-se também por expressões impregnadas de estereótipos, desigualdades, desrespeito, inverdades científicas, preconceitos, no que diz respeito a mulheres e homens. Por que a palavra Homem designa toda a espécie humana? Quais as implicações para se ter um único gênero representando os sujeitos? Segundo Rossi (2012), a função mais importante da linguagem é a representação, o reconhecimento social, pois aquilo que não se nomina, não se reconhece, não “existe”. Neste sentido a língua não diz somente aquilo que diz. Diz mais, diz o que está implícito e diz também o que não está dito. A permanente exclusão do gênero feminino nos textos formais da língua portuguesa pode revelar uma história de discriminação do gênero feminino pelo masculino e de ignorância do novo contexto em que atuam seus sujeitos sociais e históricos. A linguagem tem poder não só de retratar uma paisagem linguística, histórica e social, mas também de estimular e criar novos sentidos e saberes a partir da linguagem, de projetar novas paisagens (Houaiss, 2001). A linguagem sexista já é um objeto de estudo e intervenção tratado em diferentes níveis de governo, tendo chegado ao âmbito das Nações Unidas através da vigésima quarta assembleia geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), que propôs exame e revisão de materiais e falas oficiais que apresentem formas de discriminação de linguagem com relação às mulheres, visando promover a igualdade de gênero a nível linguístico, institucional e social. Sendo os dicionários os grandes documentos veiculadores de uma língua institucionalizada e o ciberespaço um dos hospedeiros dessa materialidade discursiva, como podemos analisar suas condições de possibilidade e relacioná-los, através dos estudos feministas, com o sexismo linguístico? Como considerar a importância da presença, ausência ou tratamento das representações das figuras femininas no léxico de uma língua?

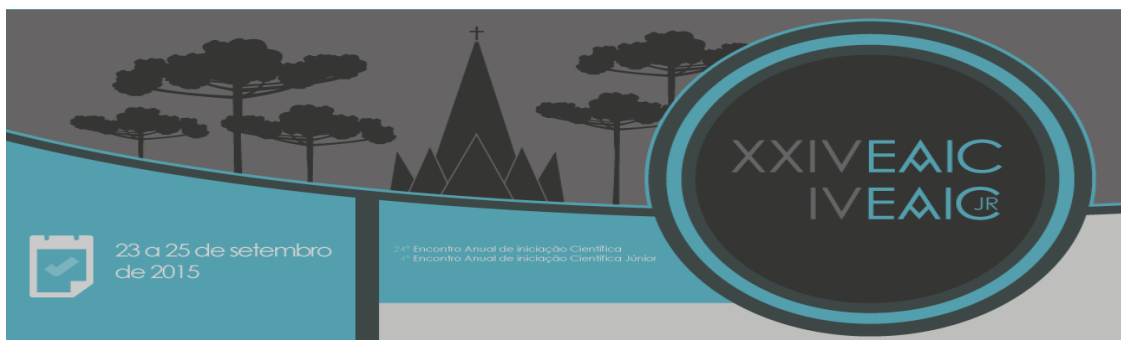
Materiais e métodos

Nosso procedimento metodológico foi a análise documental de um dicionário *online*, tratando-o como acontecimento discursivo, e tomando o ciberespaço como o grande meio tecnoinformativo em que se insere. Como dispositivo analítico-discursivo utilizamos a perspectiva foucaultiana, buscando conexões que possibilitaram alguns verbetes selecionados para confrontamos com os estudos sobre a produção do sexismo linguístico.

Resultados e Discussão



Inicialmente consideramos presença ou ausência desses termos na materialidade em questão: Verificamos que os termos A, C e D foram encontrados no Dicionário Online de Português. Contudo, o termo B, “sororidade”, estava ausente. Em seguida, analisamos a presença do termo A. “Feminicídio” que apresentou algumas peculiaridades diante dos demais termos presentes. Os termos A e B possuem uma relação interessante entre si: ambas são neologismos, palavras reivindicadas pelos movimentos feministas e de uso pouco corrente no português brasileiro. “Feminicídio” possui atualmente um trato institucional, pois entrou em tramitação no congresso nacional em 2015 a lei que trataria como crime hediondo o assassinato de mulheres por motivações de gênero (significado mesmo que o Dicio traz para esse verbete). Através da lei número 8.072, sancionada pela presidente Dilma Rousseff em 09 de março de 2015, o meio institucional no qual tem circulado rendeu a esse neologismo um espaço no léxico. Porém, esse verbete não foi explorado integralmente pelo Dicio, com exemplos para aplicações contextuais dos termos na linguagem corrente e também frases extraídas de textos, que constituía o tratamento de todos os outros termos encontrados/pesquisados. Essa ausência de frases e exemplos, apontaram para uma dedicação mais superficial da materialidade sobre o termo. O outro neologismo, “sororidade”, não constituía verbete no Dicio, mesmo se tratando de um termo em uso pouco corrente, mais familiar aos feminismos, assim como “feminicídio”, e possuindo uma estrutura que obedece a lógica da formação de vocábulos em língua portuguesa (radical latino -soror se une ao sufixo -dade). Devido à capacidade de atualização e revisão facilitada em dicionários *online* há possibilidades de inclusão a qualquer momento de novos verbetes. O Dicio possui inclusive um campo para sugestões de usuários. Por isso, entendemos que a ausência do termo C aponta para um não dizer que constitui a escolha de não significar na fixação da língua institucionalizada esse termo. Isso implica em dizer que os recursos da internet podem determinar algumas condutas que desvelam o aparecimento ou o apagamento de determinados léxicos ou, ainda, que marcam uma posição ideológica em x ou em y. O mesmo valeria para a ausência de frases e exemplos para o verbete “feminicídio”. Em seguida, os verbetes presentes foram analisados a partir do texto correspondente a significado e etimologia. Os termos “homem” e “mulher” são de origem latina e desde os primórdios de uma oficialização do português do Brasil, compõem o léxico de nossa língua. Contudo, isso não significa que contemporaneamente eles possuam a mesma significação seja estática. A dicionarização é revisada e atualizada periodicamente durante as reedições dos exemplares desses materiais, ou seja, podem ser acrescentados ou suprimidos termos e seus significados, conforme necessidade geralmente relacionada ao uso literário ou institucional da língua e da linguagem. Como previsto, esses últimos foram encontrados no Dicio explorados em todos os



aspectos disponíveis. Então analisamos como aparecem seus significados no *layout* de resultado da busca.

Conclusões

O sexismo linguístico que sofrem as mulheres, a exclusão do sujeito feminino da língua, pode se apresentar tanto no cotidiano, na língua falada, no léxico, na simples reprodução da gramática normativa em documentos oficiais e na constante reprodução e naturalização através da linguagem em geral daquelas categorias que são historicamente criadas para/relegadas às mulheres. Essa retratação de uma realidade social de homens e mulheres é ainda hoje negligenciada no uso da língua e principalmente, na institucionalização da mesma. A língua sistematizada, objetiva, simplificada, estabelecida e conservada possui neutralidade aparente, pois é omitida como produto e, por fixar-se, como reprodutora das relações hierárquicas e assimétricas de poder. E ao pretender-se correta, a variação padrão aliada às normas gramaticais rígidas produzem uma paisagem linguística de restrição do comportamento e das características culturalmente atribuídas às figuras masculinas e femininas expressos pela língua. Essa língua estereotipa.

Agradecimentos

Agradecemos à PPG – UEM pela oportunidade de realizar essa pesquisa com o fomento da Fundação Araucária.

Referências

Dicionário Online da Língua Portuguesa. Disponível em <<http://www.dicio.com.br>> Acesso em mar. 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles, **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**, Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ROSSI, Cristina Peri . **La lengua no es inocente**. Disponível em: <<http://www.perirossiarticulos.blogspot.com.br> > Acesso em 29 de março de 2012.

UNESCO. **Redação sem discriminação**. São Paulo: Texto Novo, 1996.

